Ano II — Lisboa, 1 de Abril de 1946 — N.º 12

SEMPRE PRONTO

NÚMERO AVULSO 1$00
Assinaturas de 8 números... 8$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro
Administrador
Capitolino Ferreira Macedo
Redactores
Manuel António Palma
Joel Ribeiro

Propriedade do Grupo N.º 94 dos Escoteiros de Portugal

BI-TRIMESTRAL

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

A Educação como factor de saneamento moral

Quando o estado de saúde do doente se agrava, arrastando, por vezes, enfermidades que não são mais do que a lógica consequência de excessos e desvarios recentes ou remotos, não faltam à sua cabeceira *entendidos* que profetizam com segurança o andamento da doença e indicam *a panaceia salvadora*, que tanto pode ser uma mezinha, como um preparado farmacêutico de difícil aquisição no mercado. Os casos mais desesperados não fazem esmorecer o entusiasmo *clínico* dos *entendidos*, que não hesitam em condenar a orientação seguida pelos médicos e, estes mesmo, muitas vezes, também não conseguem estabelecer acordo entre si, com manifesto prejuízo do padecente que vê agravar-se o seu estado sem esperança de salvação.

Não será difícil estabelecer paralelo entre este quadro e a situação presente do Mundo que, também, gravemente enfermo como resultante de desmandos e loucuras, vê multiplicarem-se os *entendidos* que à compita pretendem aplicar a fórmula *salvadora*, que tanto pode ser um sistema político-económico, como a hegemonia de duas ou três nações arvoradas em *protectoras* das restantes ou ainda confusa filosofia tendente a *orientar* os espíritos.

Não pretendemos trilhar o mesmo caminho porque nos escasseia a competência para receitar o remédio devido, porque a doença é demasiado grave para ceder a qualquer *mezinha* e porque não desejamos alinhar com aqueles que levianamente preconizam *tratamentos*, muitas vezes com o objectivo oculto de satisfazer ambições de riqueza ou de predomínio.

Parece-nos, porém, que, sem querer interferir na orgânica económica, política ou social do Mundo, problemas que fogem à nossa capacidade, podemos indicar o ambiente próprio para realizar qualquer reforma ou reorganização do «statu quo» mundial, sem o qual todas as soluções serão estéreis. Assim como para o tratamento do doente são indispensáveis diversos cuidados higiénicos e de saneamento, cuja ausência poderá fazer abortar qualquer método curativo, para que a humanidade possa encontrar solução para a grave crise que atravessa é urgente uma obra de saneamento moral que só se poderá conseguir através duma intensa e bem orientada acção educativa, obra de verdadeira higiene dum mundo infectado pelo vício e pela maldade.

De que servirão acordos ou organismos internacionais, planos de reorganização e fomento, se os homens que orientarem ou servirem tais sistemas, corrompidos espiritual e moralmente, em vez de procurarem o bem comum, o bem estar nacional ou universal, procurarem antes servir-se a si próprios, buscando a satisfação de apetites ou vãs cobiças?

Qualquer sistema social abrirá inexoràvelmente falência se os indivíduos que o servirem não tiverem um carácter íntegro. Esta Europa martirizada tem-nos dado flagrantes exemplos desta afirmação, pois muitos homens altamente colocados em obras ou organismos de profundo alcance, têm sido depostos e até justiçados por actos de vil rapina. Outros destacados acontecimentos políticos têm evidenciado a mesma verdade.

É aqui, como um dos métodos de saneamento moral, como sólido elemento de higienização espiritual, que nós preconizamos a aplicação do Escotismo, como meio de contribuir para criar o ambiente moral propício ao progresso e à pacificação do Mundo. Quando falamos em Escotismo não nos referimos ùnicamente aos rapazinhos que, dia a dia, envergam o uniforme, mas de uma maneira ampla a todos aqueles que um dia prometeram solenemente e sob a sua Honra:

Amar e servir fielmente a Deus e a Pátria ;
Auxiliar o próximo em todas as circunstâncias ;
Obedecer à Lei do Escoteiro.

(Continua na 1.ª coluna da 2.ª página)

SUMÁRIO

A educação como factor de saneamento moral.
Dia do Escoteiro.
Do album de um velho Lobo.—Lobo do Algarve.
O que é o Esperanto.—Faustino Leitão.
Aqui Portugal, Açores.
O Escotismo através do Mundo, Reunião do Comité Internacional.
Campeões do «Sempre Pronto».
Comemoração da batalha de «La Lis».
A Casa Mãe da Gaiata de Lisboa.—E. R.
Inconfidências.—Olho à Coca.
Dos Amigos do «Sempre Pronto».
SECÇÃO TÉCNICA sob a direcção de M. Palma
Tiro ao arco.
Insígnias de capacidade.
Plantas Medicinais.
Baden Powell.—Jacinto dos Reis Moniz da Silva.
Desporto.—Pato Coxo.
Entroncamento, Grupo n.º 84.
Atenção! Daqui Algarve.
O Escotismo na Capital.
Os nossos contos. O Desterrado.—Manuel Ferreira.
A Patrulha Búfalo, Folhetim do "Sempre Pronto".
Coisas do Norte, O dia do "Sempre Pronto".
Concurso de 1946.

Dia do Escoteiro

Em quase todas as nações, muitos milhares de escoteiros de todas as raças, comemoram, mais uma vez, no dia 23 de Abril corrente, o Dia do Escoteiro *e, unidos no mesmo Ideal, ratificam o seu desejo de prosseguir na cruzada da figura lendária de S. Jorge, na defesa da Virtude e na luta contra o Mal.*

Num Mundo agitado por ódios, despeitos e ameaças, tão significativo e raro exemplo de Harmonia, é suficiente para, só por si, consagrar um Movimento. Se em Portugal não tem sido tradicional o uso, em tal dia, da flor vermelha na botoeira, que os nossos corações não deixem de vibrar em unísono e, agora mais do que nunca, nos consagremos a terçar armas com o traiçoeiro Dragão do Mal.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

A educação como factor de saneamento moral

(Continuação da 1.ª página)

A obra escotista tem duas fases distintas: a primeira, na infância e adolescência, a acção educativa, a mais importante, pois, é a fase da formação de carácter, da incubação do Ideal, que deve gerar o cidadão temente a Deus, dedicado ao serviço da Nação e da Família, *sempre pronto* a socorrer o semelhante em qualquer circunstância e ainda mesmo com prejuízo próprio. A segunda fase, a da acção social, em que o escoteiro de carácter formado, homem feito, põe em execução o Ideal apreendido na juventude, sendo bom cidadão, chefe de família exemplar, profissional zeloso, comerciante ou industrial honesto, estadista probo, devotado ao serviço de causas justas. É o escoteiro que já não se farda, mas é tanto ou mais escoteiro que aquele que continua ligado à Organização. Ainda há relativamente pouco tempo, uma alta individualidade portuguesa afirmava em público *que não tinha sido, mas era escoteiro,* espírito que deve orientar a vida de todo aquele que um dia teve a honra de envergar essa farda simples, mas honrosa.

É na formação de homens de consciência sã, pela **educação** das gerações novas, que o Escotismo pode e deve prestar um relevante serviço à humanidade. Deve-se, portanto, activar intensamente esta tarefa na certeza de que se está dando um elevado contributo para resolver os problemas graves que afligem a Sociedade. E, para prova disto, verifica-se que as nações de mais elevado nível de educação, são aquelas que apesar de terem sofrido as terríveis contingências da guerra, mais perto se encontram da solução das dificuldades que o próprio conflito lhes trouxe, sem se terem visto a braços com lutas intestinas. E tanto mais nos agrada verificar tal facto, porque essas nações são constituídas por povos cristãos, onde o Movimento Escotista tem atingido um grande desenvolvimento. Trabalhemos, pois, pela difusão do Escotismo nacional, certos de que nos estamos esforçando pelo progresso e pelo futuro da nossa querida Pátria.

Associação dos Escoteiros de Portugal

Tesouraria Geral

O dedicado tesoureiro da A. E. P. solicitou-nos a publicação do relatório financeiro da sua administração em 1945. Por falta de espaço não tivemos possibilidade de atender o seu pedido, como era nosso desejo, mas vamos deligenciar fazê-lo no próximo número, esperando que este nosso amigo nos desculpará.

DO ALBUM DE UM VELHO LOBO

Ficou-nos na memória a sede do 52, de Angra do Heroísmo, por não ser igual ao comum das Sedes continentais. Fora o factor «adjacente», a estrutura, a disposição, o recheio, recordam-nos hoje aquele cantinho escotista açoriano, do qual vamos evocar a primeira visita feita quando há cerca de ano e meio as obrigações militares me levaram à Terceira.

* * *

Uma exposição de traves e cordas? Um ginásio? Não. A sala de entrada da sede do 52, mistura de casa e Escoteiros, clube ginástico e centro de recreio infantil. Ao franquearmos pela primeira vez a única porta exterior do edifício, mais de uma dezena de garotos faziam balouçar toda a aparelhagem em alegre redouça, numa algazarra de vozes juvenis.

Alguns quadros alinhados, a bandeira do grupo próxima ao retrato do Lord Baden Powell, ramos verdes, fotografias, mesa de *ping pong* e várias «cadeiras-barril» último modelo completavam mobília e efeito. À nossa esquerda, na distância de todo o comprimento da sala, uma porta permanentemente aberta mostrou-nos a sala de leitura, ornamentada por larga estante plena de livros. Gabinete de dirigentes igualmente, este compartimento deu-nos a ideia real do sítio onde nos encontrávamos. As «Leis» impressas em largos cartões enfileiravam-se nas paredes ao lado de fotos evocativas. Estantes musicais e caixas de instrumentos de corda informaram-nos de sobejo do valor ali concedido ao elemento musical.

Deixamos a Sala-mestra pensando ver a seguir qualquer pequena arrecadação e fomos ao terceiro compartimento da Sede, a Sala-surpresa: Uma tipografia em miniatura estava-nos patente com sua pequena máquina impressora, caixas contendo tipos diversos e mais apetrechos necessários. Soubemos depois que os Escoteiros de vontade podiam ali aprender os rudimentos da «arte negra», dentro das possibilidades da oficina. Interessante e útil!

E aqui ficou descrita em poucas linhas a Sede do 52, com os motivos que nos la fizeram achar diferente do comum das sedes Continentais, não apenas pelo facto de pertencer a uma das nossas Ilhas Adjacentes.

V. R. S. A. 1/46.

LOBO DO ALGARVE

Caro leitor:

Interessa-te o SEMPRE PRONTO?

Propaga-o entre os teus amigos.

O que é o Esperanto

Por FAUSTINO LEITÃO

Entre os escoteiros da velha guarda que nos lêem decerto alguns se lembram ainda de noutros tempos aparecer o «Jovem Luso» — jornalzinho da então «União Cristã da Mocidade» — a par da secção escotista uma outra de Esperanto dirigida pelo insigne esperantista Sr. Luzo Bemaldo. Para estes não será talvez estranho o nosso tema de hoje, mas para com os novos, que no penúltimo número do «*Sempre Pronto*» leram, na secção técnica, *ser necessário para a especialidade de intérprete corresponder-se em qualquer língua estrangeira ou em Esperanto,* não acontece o mesmo. Contudo são para uns e outros estas nossas elucidações não se vá dar o caso de já terem ouvido apreciações menos favoráveis ao uso duma língua auxiliar.

Antes porém de nos determos no assunto prometido pelo título, vamos tentar demonstrar o que têm sido de há séculos os esforços dos homens na solução do problema da criação de uma língua auxiliar que até hoje só o Esperanto resolveu com eficácia.

Se bem que se atribua a Leibniz o primeiro projecto sobre a criação de uma língua universal aparecida em 1666, está comprovado que já em 1629 Descartes focou a viabilidade de ser criada uma língua pela qual todos os homens se compreenderiam. Mais tarde, em 1661 Becher propôs a numeração de todas as palavras dos dicionários para serem usadas como língua comum. Em 1665 Kvichener e em 1667 Porelle trabalhavam no mesmo sentido embora com outra mecânica, surgindo em 1668 Wilkins com igual tentativa apresentando a sua «LÍNGUA VOCABULAR». Em 1678 apareceu Upperdor não conseguindo também nada de proveitoso. Seguiu-se-lhe em 1681 André Müller e em 1684 o jesuíta Besnier. Idêntica tentativa fizeram em 1687 Caramuel de Lobkovitz, David Solbrig, em 1725 e Kalmar Taboltzafö em 1772. A todos estes projectos se seguiu o de G. Berger em 1779 que se intitulava: «Projecto de uma língua falada e escrita para todas as nações».

O seu insucesso deu aso ao aparecimento de Delormel e Vater em 1795, Sicard em 1796, Maimieux e Walke em 1797 o último também por palavras numeradas.

No século dezanove tivemos Nather em 1805 e Renzie em 1840. Em 1852, António Bachmaier de colaboração com o grande linguista Ignaz Gangengie e o professor Guilherme Stefanis apresentou a sua «Língua auxiliar em símbolos numéricos». A Gablenz, um dos mais activos, su-

AQUI PORTUGAL

AÇORES

Grupo n.º 80 — Ponta Delgada

Desportos—Conseguiu este Grupo organizar uma equipa de futebol, que é um desporto que tem entusiasmado a mocidade da terra. O nosso Grupo, depois de devidamente exercitado e observado pelo nosso médico assistente Ex.mo Sr. Dr. Deca Mota, realizou já quatro encontros de futebol para disputa de duas taças. Os dois primeiros, realizados nesta cidade com outra equipa de juniores, tiveram em disputa a Taça Assistência Nacional aos Tuberculosos, para a qual reverteram as receitas dos desafios. Saiu vencedor o nosso Grupo.

Os dois restantes realizaram-se na vila de Lagoa com um Grupo local em formação, e na qual o nosso Grupo foi muito bem recebido, apreciando-se ainda dois magníficos encontros, plenos de bom futebol e espírito desportivo. Conseguimos também triunfar.

4.º Centenário da Cidade de Ponta Delgada—Comemora-se a 2 de Abril corrente o 4.º centenário da nossa cidade. Para data tão significativa preparam os nossos corpos administrativos grandes festejos e solenidades.

Por amável convite do Ex.mo Presidente do Município deste concelho, Sr. Dr. Alberto de Oliveira, assistimos no dia 7 de Março a uma reunião na Câmara Municipal onde Sua Excelência expôs o programa das festas e salientou a importância da colaboração de todos para que tal data fosse condignamente comemorada.

Estudam os dirigentes deste Grupo o melhor apoio a tão patriótica iniciativa e esperam desempenhar-se garbosamente naquilo que já lhes está destinado.

Concurso — O concurso do «*Sempre Pronto*» despertou o maior entusiasmo entre os escoteiros deste Grupo, que se preparam para enviar as respostas o mais breve possível. Notam com admiração os magníficos prémios que se irão sortear.

O «SEMPRE PRONTO»

VENDE-SE EM LISBOA

Na Tabacaria do Café Suíço, R. Primeiro de Dezembro.
Na Tabacaria Boa-Hora, R. Nova do Almada, 64.
Na Bolsa Cultural, Largo do Calvário, 25 e 26.

cedeu o projecto de Sanibal de Mas em 1863, surgindo em Londres em 1874 e de autor desconhecido a «NOVA LINGUAGEM CIFRADA». Surge o ano de 1879 e com ele o «VOLAPUK» obra do padre católico Martim Schleyer que até aí de todas obteve o maior sucesso, se bem que o seu vocabulário fosse muito difícil de decorar. Chegou até ao nosso país esta língua auxiliar onde teve alguns adeptos publicando-se até em português o «MÉTODO PRÁTICO DE VOLAPUK». Em 1886 foi a «LINGUAGEM UNIVERSAL» inventada por Maldant, e em 1887 o «BOPAL» sob os auspícios de Saint Max até que surgiu, pouco depois, também em 1887 Zamenhof com o seu «ESPERANTO» a que noutro artigo daremos especial relevo por ter sido a língua que até hoje venceu todas as dificuldades.

(Conclui no próximo número)

O Escotismo através do Mundo

REUNIÃO DO COMITÉ INTERNACIONAL

Reuniu em Londres em 14 e 15 de Novembro do ano findo, depois dum intervalo de seis anos, o Comité Internacional, com a presença do seu Presidente, Príncipe Gustavo Adolfo, da Suécia; Lorde Hampton, da Inglaterra; Ing. Ove Holm, da Dinamarca; General J. Lafont, da França; Sir Alfred D. Pickford, da Inglaterra; Dr. James E. West, dos Estados Unidos; estando também presentes o Secretário do *Bureau*, R. F. Lund.



No dia 16 o Presidente e membros do Comité foram recebidos pelo Rei Jorge VI, tendo as apresentações sido feitas pelo Chefe Geral do Império Britânico Lorde Rowallan. Na fotografia, feita durante a recepção, vê-se, da esquerda para a direita, Sir Alfred Pikford, General J. Lafont, Dr. James E. West, Jorge VI, o Príncipe Gustavo Adolfo, Col. J. S. Wilson, chefe do Bureau Internacional; Lorde Rowallan, Mr. Ove Holm e Lorde Hampton.

Campeões do "SEMPRE PRONTO,,

Venda do n.º 11

Grupo n.º	84.....	85 exemplares
» »	60.....	62 »
» »	2.....	53 »
» »	80.....	50 »
» »	6.....	33 »
» »	91.....	28 »
» »	93.....	26 »
» »	53.....	22 »
» »	52.....	20 »
» »	15.....	20 »
» »	44.....	20 »

Publicaremos em todos os números a relação dos primeiros 10 campeões do «*Sempre Pronto*».

CASAMENTO

Em Vila Real de Santo António realizou-se ontem o auspicioso enlace matrimonial da Sr.ª D. Elisabeth Mendes, chefe da equipa Madressilva da D. A. F., e o nosso caro amigo Sr. Manuel Tacão Monteiro, sub-chefe do Grupo 60 e dedicado Delegado do «*Sempre Pronto*».

Foram padrinhos, por parte da noiva a menina Jaquelina Mendes e o evangelista Sr. João Buller, e por parte do noivo a Sr.ª D. Felisbela Rodrigues da Costa Campinas, chefe da equipa Hortense, e seu esposo, o nosso amigo Sr. A. Vicente Campinas, chefe do Grupo n.º 60.

Todos os que no «*Sempre Pronto*» trabalham desejam aos simpáticos noivos uma vida feliz e muito venturosa.

Comemoração da batalha de "La Lis"

Por iniciativa do Grupo n.º 85 realiza-se no domingo, dia 7 do corrente, uma romagem ao talhão dos combatentes, no cemitério do Alto de S. João, onde será prestada homenagem aos heróis do «9 de Abril». Seguidamente os escoteiros dirigir-se-ão para o Monumento na Avenida da Liberdade, onde será deposto um ramo de flores.

Foi pedida a colaboração de todos os Grupos da Região do Centro e foram enviados convites ao Corpo Nacional de Escutas e aos Escoteiros ingleses e franceses residentes na capital. Foram também, convidados os antigos escoteiros para se associarem às cerimónias.

ASSINANTES DE ALGÉS

Temos recebido repetidas reclamações dos nossos estimados assinantes de Algés de que não chegam ao seu poder determinados números do nosso jornal. Como temos nesta localidade um bom número de assinantes, e todos os jornais são remetidos com a maior regularidade, pedimos a estes amigos o favor de nos informarem sempre que deixem de receber qualquer número do «*Sempre Pronto*», afim de termos elementos concretos para reclamar a quem de direito.

A Casa Mãe da Gaiata de Lisboa

Encontra-se já funcionando nas suas novas instalações na Calçada da Cruz da Pedra, n.º 38, esta prestimosa organização.

Fomos ali de visita recentemente. Já tínhamos visto o edifício antes das obras de adaptação a que foi submetido e, apesar das reparações terem sido provisórias, mantendo por isso as dependências ainda o ambiente carregado de palácio, ficámos admiràvelmente impressionados com o que vimos, manifestação de ordem, asseio e fé; porque é preciso ter fé para realizar tão grande trabalho e porque, de facto, as ilustres dirigentes da Casa Mãe não necessitam de tornar a desatar o Nó do Lenço, porque a sua *Boa Acção* é permanente.

As Sr.as D. Clotilde Ferreira a D. Renée Van Nitsen ligaram a sua vida a oito criancinhas (e as instalações estão prontas a receber mais, logo que os fundos o permitam) que se encontravam abandonadas e até em perigo moral, e propõem-se cuidar delas, educando-as, instruindo-as, para o que têm já duas professoras, uma primária dando a sua colaboração gentilmente, outra de lavores remunerada, ensinando-as a trabalhar de maneira que, no futuro, possam colaborar na manutenção da própria Casa, e só pensam em as deixar naquelas condições em que uma mãe deixa sua filha, ou seja para constituir família.

Recomendamos uma visita à Casa Mãe e, muito embora tenhamos pena de percorrer todas as dependências e não encontrar um símbolo escotista, é certo que se trata de importante obra social, cujas despesas têm sido em grande parte suportadas por aquelas nossas irmãs-escoteiras, visto que a amável colaboração de muitos amigos e da Divisão Auxiliar Feminina dos Escoteiros de Portugal não chega, sequer, para a renda do edifício, cujas obras, apesar de provisórias, já importaram em cerca de dez mil escudos.

Pena é que a Sr.ª D. Clotilde Ferreira tenha razão para lamentar o pouco auxílio que os escoteiros têm dispensado a tão importante Obra e ninguém é mais insuspeito do que nós, para afirmar que a Casa Mãe merece a simpatia e o auxílio de todos os escoteiros.

Visitem, pois, a Instituição. Vejam a cara alegre das pequeninas, onde não será difícil descobrir traços de recente sofrimento; como nós, simulem querer tomar conta de uma, e ficarão certos das nossas informações quando virem que todas, visìvelmente aflitas, recusarão acompanhar-vos.

E. R.



As oito *manas* da «Casa Mãe» no belo recinto de recreio

Movimento financeiro do Jornal «Sempre Pronto» no ano de 1945

RECEITA		DESPESA	
Venda Avulso		**Despesas c/ expedição**	
Recebido de Grupos de Escoteiros e diversos, jornais e impressos de propaganda	4.007$00	Expedição e diversos	257$95
Assinaturas		**Expediente**	
Recebido de assinantes....	2.223$00	Custo de material de expediente adquirido e despesas efectuadas.....	436$95
Publicidade		**Impostos s/ publicidade**	
Recebido de anúncios	2.301$85	Impostos pagos dos n.os 1 a 9	68$70
Donativos		**Despesas c/ publicação**	
Recebido de diversos	146$00	Publicação dos n.os 1 a 9 e 10.000 impressos «Vem para Escoteiros»	8.263$90
Suprimentos		**Gastos Gerais**	
Suprimento do Grupo n.º 94 dos «Escoteiros de Portugal	850$00	Despesas diversas	310$15
	9.527$85		9.337$65
		Saldo para 1946	190$20
			9.527$85

Lisboa, 31 de Dezembro de 1945

O Director
Eduardo Ribeiro

O Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

INCONFIDÊNCIAS

Temperatura—Não houve protestos, todos estiveram de acordo No Porto a temperatura parece descer. No Algarve o «77» sentindo o calor dos vizinhos aqueceu. Nos Açores o «52» vai aquecer.

Em Lisboa o frio é grande. No entanto, o «9» continua a subir de temperatura, o «94» arrefeceu, o «17» anda aos pulos e, portanto, deve aquecer. O «85» caiu no *frigorífico*, reagiu e aqueceu. O «81» teve a infelicidade de cair nas mãos dum chefe que toma *gargarejos* e está geladinho, é o frio da morte. O «5» parece que está muito frio. Do «67» e do «93» não temos notícias. O «40» de Setúbal está subindo de temperatura. O «16» de Carcavelos aqueceu, pudera, a jogar a bola, até bateram a *selecção inglesa*.

Correio — Ó amigo! então as cartas não têm resposta? Não está certo.

Críticas — Vocês, meus amigos, não têm necessidade de fazer as vossas críticas pelas esquinas. O «*Sempre Pronto*» tem muito gosto em receber as vossas sugestões.

— Têm razão! não me lembrava que vocês têm a consciência da vossa nulidade e, por isso, não têm coragem de dar conselhos.

Olhem, rapazinhos, porque não fazem vocês outro jornal?... seguiam a vossa *sábia* orientação.

Olho à Coca

Dos Amigos do "Sempre Pronto"

Nascimento — Estão de parabéns a Sr.ª D. Maria de Lourdes Franco Veríssimo e seu esposo, o nosso camarada António Veríssimo, Chefe do Grupo 21, pelo nascimento de sua primeira filha, a gentil Maria Margarida, a quem desejamos muitas venturas.

Doentes—Tem estado bastante doente o nosso estimado assinante Sr. Pedro Costa, antigo escoteiro, a quem desejamos pronto restabelecimento.

De luto—Encontra-se de luto pelo falecimento, em 11 de Fevereiro, de seu mano Sr. José Baudouin, industrial e artista ceramista, o nosso amigo Sr. David Baudouin, a quem apresentamos sentidas condolências.

—No passado dia 19 de Fevereiro, faleceu D. Noemi (Mimi) Campos Araújo, filha do Rev. Sr. Armando Pereira Araújo, Ministro da Igreja Lusitana do Bom Pastor, do Candal e Presidente da Comissão de Patrocínio do Grupo 95. A extinta era irmã da D. Maria Margarida Araújo Couto, esposa do Chefe do Grupo 91, Sr. Arnaldo Couto, nosso Delegado no Norte, a quem, bem como à restante família apresentamos pêsames muito sentidos.

—Também no passado dia 20 de Fevereiro, faleceu o pai do nosso camarada escoteiro Luís Lapa Gomes, da Patrulha D. Afonso Henriques, do Grupo 91.

Ao nosso amigo enlutado apresentamos sentidas condolências.

—Pelo falecimento de sua tia também se encontra de luto a Sr.ª D. Clotilde Ferreira, a quem, bem como à restante família, apresentamos a expressão do nosso pesar.

Grupo Campista «Os Montanheses»

Comemorou no último sábado o seu 3.º aniversário este activo grupo campista. Enviamos-lhe saudações com votos de prosperidades.

O CONCURSO DE 1946

SUPLEMENTO AO «SEMPRE PRONTO»

Redacção e Administração Trav. de Vitorino de Freitas n.º 9 — Ajuda

LISBOA

O «*Sempre Pronto*» oferece aos seus leitores um interessante **Concurso**, com valiosos prémios. Todos os nossos leitores podem concorrer, bastando para isso recortar o cupão publicado em cada número, responder à pergunta ou perguntas feitas, e enviá-las à nossa Redacção directamente ou por intermédio dos nossos Agentes e Delegados.

Ficarão habilitados aos prémios individuais todos os concorrentes com a totalidade das respostas certas. Além disso, podem indicar o número do grupo de escoteiros ou núcleo campista a que pertencem ou da sua simpatia, visto que não é necessário ser membro do grupo indicado, que ficará também habilitado aos importantes prémios colectivos.

Os prémios colectivos serão distribuídos aos grupos com maior número de concorrentes.

Os prémios individuais serão sorteados entre os concorrentes.

O concurso termina com o último número publicado no corrente ano.

42 prémios individuais 42 — **9 prémios colectivos 9**

INDIVIDUAIS

PRÉMIO «ANTERO LOPES»—Uma faca de mato sueca, oferta do conceituado estabelecimento de artigos de caça e campo, Antero Lopes, L.da, da Rua Eugénio dos Santos, 31 em Lisboa.

PRÉMIO «VITORINO DE SOUSA»—Um machado, com bainha e defesa de couro, oferta da reputada casa de artigos de campismo e correeiro, Vitorino de Sousa, L.da, da Rua dos Correeiros, 200 e 202 de Lisboa.

6 PRÉMIOS «DOMINGUEZ & LAVADINHO, L.da» — Seis caixas do óptimo papel de carta, de linho, «**Alsacien**», oferta daqueles importantes armazéns de papelarias na Rua da Assunção, n.º 83, em Lisboa.

PRÉMIO «ELECTRO BRILHANTE»—1 lanterna eléctrica com lentes de 3 cores. Oferta da conhecida casa fornecedora de todos os artigos para electricidade e rádio, «Electro Brilhante» da Rua dos Fanqueiros, n.º 187.

PRÉMIO «BERTRAND»—A interessante e consagrada obra de Júlio Verne «A Ilha Misteriosa», em 3 volumes, oferta da importante editora Livraria Bertrand, da Rua Garrett, 74 em Lisboa.

PRÉMIOS «EDITORIAL MINERVA» — Dois exemplares do livro «Guia de Campismo» de Chaves Mendes, a mais completa obra sobre campismo publicada em Portugal, oferta daquela casa editora da Rua Luz Soriano, 33 em Lisboa.

6 PRÉMIOS «BIBLIOTECA COSMOS»—Seis exemplares da novidade literária **«O Campismo na Vida Moderna»**. Oferta das reputadas Edições Cosmos, da Rua da Emenda, n.º 111, 2.º em Lisboa.

3 PRÉMIOS «EDITORA ARGOS»—Três volumes da colecção «História Maravilhosa»: Kewal Paxá, Amudsen, Masaniello, oferta das conceituadas Edições Argos, da Rua do Ferregial de Baixo, 31, 2.º Dt.º em Lisboa.

COLECTIVOS

1.º Prémio «VIEIRA CAMPOS»

UMA LINDA TENDA CANADIANA, ref. 102/1.208 S. de Lintex, do catálogo da casa Vieira Campos, da Rua da Prata, n.os 215 e 217, de Lisboa, oferta desta importante casa fornecedora de todos os artigos de campismo. Prémio de grande categoria, dada a excelente qualidade e perfeito acabamento da tenda.

2.º Prémio «SPRIL»

Um bom arco e três flexas, de óptimo fabrico, oferta da reputada casa de artigos desportivos SPRIL, da Rua do Loreto, 34, 2.º em Lisboa. Prémio valioso e de grande interesse para o desporto no campo. O «Tiro ao Arco» presta-se admiràvelmente para ser praticado em complemento do campismo.

3.º Prémio «CASA DO DESPORTO»

Uma bola para voleibol e respectivo saco de rede, oferta da «Casa do Desporto» da Rua da Madalena, n.º 196 em Lisboa.

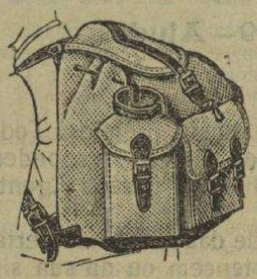
4.º a 9.º Prémios «SINO»

6 Prémios da óptima tinta «Sino»: 1 frasco n.º 5.013 (1 litro); 1 frasco n.º 5.054 (1/2 litro); 1 frasco n.º 1.505 (1/4 litro); 1 frasco tinta Estilográfica (1/8 litro); idem (1/16 litro); 1 frasco tinta carimbo. Oferta dos conceituados fabricantes A. Ferreira L.da da Rua da Junqueira, n.º 233 em Lisboa. Material útil a todos os grupos.

PRÉMIO «PIMENTEL & CASQUILHO, L.da» Uma bússola de bolso, oferta deste estabelecimento de artigos de precisão, Rua Eugénio dos Santos, 75 em Lisboa.

Não deixe de concorrer, demonstrando os seus conhecimentos, habilitando-se aos interessantes prémios, marcando a posição do Grupo da sua simpatia e habilitando-o, também, aos valiosos prémios colectivos.

Em Janeiro de 1947 o «*Sempre Pronto*» organizará uma festa onde será prestada homenagem aos Grupos vencedores do Concurso e aos Grupos Campeões da venda do jornal; serão distribuídos os prémios colectivos e individuais, e serão entregues diplomas a todos os concorrentes que tenham acertado em todas as respostas.



VITORINO DE SOUSA, L.DA

200, RUA DOS CORREEIROS, 202 / LISBOA

TELEFONE 2 7458



Fabricante de material de Campismo e bolas de Futebol e Voleibol



Não comprem • sem • consultar • os • nossos preços



DESCONTOS A GRUPOS DE ESCOTEIROS



TENDAS

E TUDO PARA

CAMPISMO



A CASA DA ESPECIALIDADE

Barracas Sombreiros

TENDAS e material de acampamento

TOLDOS

PARA ESTABELECIMENTOS / PRAIAS
JARDINS (montagens completas)
SOFÁS BALOIÇO

ENCERADOS PARA TODOS OS FINS

Fabrico — Aluguer — Venda — Reparação

VESTUÁRIO DE OLEADO

única pintura maleável e lubrificante

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE TOLDOS E ENCERADOS

R. Vale de S.to António, 59-Telef. 25357-LISBOA



LÂMPADAS **LUMIAR**

MOTORES **E N A E**

//

EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELÉCTRICA

Av. 24 de Julho, 158 - Telef. 6 2177/78 - LISBOA

No fundo das velhas malas...

esquecidas no sótão ou na cave, ou entre os arquivos de família cobertos de poeira... pode encontrar muito dinheiro!

Cartas antigas, com selos, têm hoje um bom valor.

Seu avô ou tio, que viveu no BRASIL certamente lhe escreveu muitas vezes! Procure bem!! — VALE A PENA e se encontrar algumas cartas ou jornais com selos, mande, com toda a confiança, à nossa casa em LISBOA — RUA DO PRIMEIRO DE DEZEMBRO, 101-3.º que, com toda a urgência, fará uma justa oferta.

A. MOLDER

SECÇÃO TÉCNICA

Sob a direcção de MANUEL PALMA

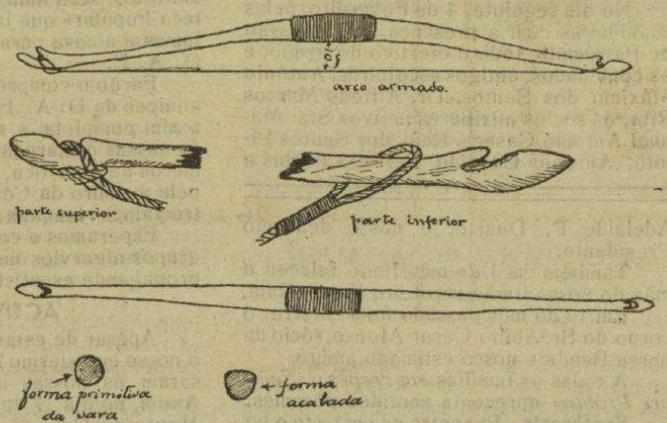
Tiro ao arco



O tiro ao arco é um exercício de destreza e golpe de vista que, apesar de já não ser moderno, está em moda no nosso país. Para se praticar é óbvio que temos que adquirir o respectivo arco e flexas; mas, como o escoteiro é económico, fá-lo pelas suas próprias mãos se se quiser dar ao trabalho de seguir as instruções que aqui damos.

Arco: Precisamos de adquirir uma vara que não seja muito grossa, uns 3 centímetros de diâmetro pouco mais ou menos.

Adelgaçamo-la do meio para as duas extremidades de forma que se torne bastante flexível. Ao adelgaçá-la teremos o cuidado de arredondar a face que fica voltada para o atirador e aplanar duma forma ligeira a face que fica voltada para o alvo; isto com o fim de lhe dar flexibilidade e resistência.



Nos extremos faremos dois sulcos profundos de 1 cm. pouco mais ou menos para prendermos a corda, que deve ser de linho, devidamente embebida em óleo de linhaça e depois bem seca. A corda deve ficar, quando o arco em repouso, a uns 10 cm. do arco. Para completa elucidação, chamamos a vossa atenção para as gravuras.

A madeira a empregar deve ser: teixo, cedro, freixo, carvalho, cerejeira e salgueiro, de preferência estas duas últimas e que são mais fáceis de arranjar. Depois do arco feito, raspa-se com um bocadinho de vidro ou lixa fina para ficar bem liso e acaba-se dando-lhe uma leve camada de verniz, ficando assim com o bonito aspecto daqueles que se compram nas casas de artigos de desporto.

Obtida a vara e acabada fazemos-lhe uma falcassa do ponto até uns vinte centímetros, para o atirador segurar o arco, e na parte de baixo.

Notamos também que, para que a corda se não parta com facilidade deve ser constituída por uns sete ou oito fios de pesca entrançados e bem embebidos no óleo de linhaça durante vários dias, sem o qual estamos arriscados a que se parta com facilidade. No próximo número ensinaremos a confeccionar as flexas e o modo mais apropriado de usar o nosso arco. Portanto, mãos à obra e até ao próximo número, caros amigos.

CASTOR NEGRO

TRIBO DOS WABAGÁS

■

Insígnias de Capacidade

Electricista

1.º Possuir noções gerais de electricidade, corrente eléctrica e suas aplicações (unidades de medida, dínamos, motores e circuitos de distribuição). Conhecer o funcionamento duma lâmpada de arco e de projecção eléctrica.

2.º Explicar o funcionamento de pilhas ordinárias, sua constituição e manutenção.

3.º Reparar uma rotura num fio dum quadro de distribuição e um curto circuito numa corrente de 110 ou 220 volts.

4.º Construir e utilizar um aparelho electrico (electro-íman, campainha eléctrica, receptor telegráfico ou transmissor, telefone ou uma instalação de T. S. F. ou instalação de iluminação, etc.).

5.º Conheçer os perigos das instalações eléctricas, as precauções a tomar para os evitar e a conduta a tomar em caso de acidentes.

6.º Demonstrar como é necessário proceder no socorro a uma pessoa electrocutada e como reanimá-la.

■

Plantas Medicinais

Colheita de Plantas

Abril—Apanham-se floridas do alecrim, gomos do choupo e do pinheiro, hera terrestre (toda a planta) e flores de laranjeira, meimendro, pessegueiro, urtiga branca e violetas.

Nota—Nesta secção daremos todos os meses a relação das plantas que podem ser colhidas para completa elucidação do leitor o que constitui uma pequena Folhinha do Ervanário Amador.

* * *

Por nos terem pedido também, publicamos aqui a relação de plantas, conforme a aplicação que têm em diversas doenças.

Anemia—rosmaninho.
Anginas—agrimónia.
Asma—rosmaninho, cebola, aipo e madressilva.
Bronquite—serpão e rosmaninho.
Calos doridos—cebola.
Cieiro—benjoim, amido.
Chagas—agrimónia.
Cólicas—noz moscada, camomila.
Constipação—altéia, borragem, malvas, madressilva.
Contusão—rosmaninho, arnica.
Coração—junquilhos, giesta.

• • o • •

DESPORTO

É já grande o interesse despertado pelo nosso torneio de voleibol. Das várias cartas que recebemos, destacamos as dos Grupos n.os 2, 9, 16, e 94, as quais não só abraçam a nossa iniciativa, como também inscreveram as suas equipas já formadas.

Para que o nosso trabalho seja completo e para que todos os grupos possam dar a sua adesão, no próximo número publicaremos o regulamento do Voleibol.

Aos grupos da província aconselhamos, também, a que se preparem (o 84 já está a tratar disso), pois que está em estudo uma visita à província dos vencedores do torneio, pelo menos aos grupos mais próximos.

Todos os grupos de Lisboa que desejem treinar esta modalidade, deverão inscrever-se para treinos no nosso jornal, sendo depois avisados do dia e local onde deverão comparecer para esse fim.

Aos Patos-Bravos — Agradeço aos *Patos bravos em Desporto* as palavrinhas de ânimo que me dedicaram.

Faço votos sinceros que esse tal estágio acabe e se deite mãos à obra...

Querem saber?—No dia 31 de Janeiro findo, encontraram-se em futebol, no campo da Quinta Nova, uma equipa de escoteiros ingleses do *St. Julian's Boy Scout Troop* e outra do Grupo 16 de Carcavelos. O desafio, que foi disputado com interesse e animação, terminou com a vitória dos portugueses por 2 bolas a 0.

Em 3 de Fevereiro passado, no campo do S. L. B., jogaram a Empresa Gráfica com o Grupo 16. Finalizou o encontro com o empate de 5 bolas.

NOTA — Pedimos aos nossos correspondentes o favor de, no futuro, sempre que nos transmitam notícias desportivas, nos dêem o nome dos jogadores e os resultados da 1.ª e 2.ª parte e, se for possível, o nome do árbitro.

UM FESTIVAL DE DESPORTO

No domingo, dia 14 do corrente, realiza-se no campo de jogos do Ateneu Comercial de Lisboa, uma corrida *(cross)* entre todos os grupos de escoteiros de Lisboa e arredores.

Todos os grupos que desejem tomar parte nesta interessante actividade devem fazer a sua inscrição na Secção Desportiva do nosso jornal até ao dia 8 do corrente.

PATO COXO



GRUPO N.º 84

Exercício — No dia 10 de Fevereiro o nosso grupo realizou uma excursão, durante a qual foram efectuados interessantes exercícios sob a direcção do nosso Chefe.

Banda de Música—A nossa Banda continua a fazer bons progressos, tendo realizado um novo concerto, em 24 de Fevereiro, com óptima assistência apesar de à mesma hora se realizarem divertimentos na Vila.

Columbófila — O Grupo Columbófilo «Asas do Entroncamento» teve a amabilidade de convidar o «84» para controlar a entrada dos pombos correios nas provas que vai realizar.

Embora se trate dum trabalho de grande responsabilidade, aceitámos o convite sensibilizados pela prova de confiança.

A nova Sede—Apesar dos esforços do nosso Presidente ainda não se encontra pronta a nossa nova sede. Esperamos, no entanto, que a sua inauguração se faça por todo o corrente mês.

Regresso ao Grupo—Depois de uma ausência de três meses em Lisboa, já se encontra de novo entre nós o escoteiro Luís Máximo de Oliveira, de cuja actividade entusiasta muito podemos esperar.

Concurso do «Sempre Pronto»—Despertou o maior entusiasmo entre os escoteiros do «84» o concurso do nosso jornal e, dadas as condições em que nos encontramos pelo grande número de assinantes, (mais do que qualquer outro grupo), estamos deveras esperançados em que desta vez alcançaremos um lugar de destaque para os cobiçados prémios.

Voleibol—O «84» está a treinar este interessante desporto e, dentro em breve, estaremos dispostos a deslocar-nos para fazer competições com os outros grupos de escoteiros.

De luto—Encontra-se de luto pelo falecimento da sua Sogra, Sr.ª D. Maria Adelaide P. Duarte, o nosso dedicado Presidente.

Também em 1 do mês findo faleceu a mãe do nosso irmão-escoteiro Vasco Guia.

Em 10 do mês passado foi a enterrar o corpo do Sr. Abílio César Afonso, sócio da nossa Banda e nosso estimado amigo.

A todas as famílias *em crepes* o «*Sempre Pronto*» apresenta sentidos pêsames.

Nascimento—Encontra-se em festa o lar nos nossos amigos Sr.ª D. Maria Fernanda Mendes e Arnaldo Marques, pelo nascimento dum bebé no dia 2 do mês passado. Aos pais e ao avô, o nosso amigo Sr. Frutuoso Mendes, apresentamos os nossos parabéns, com os votos das melhores venturas.



Grupo n.º 6 — Olhão

21.º aniversário — Em 3 de Fevereiro, teve lugar nesta localidade uma pequena festa comemorativa do 21.º aniversário da fundação deste Grupo, que foi presidida pelo Sr. Dr. Luís Bernardino da Silva, Presidente da nossa Comissão de Honra, tendo feito uso da palavra o camarada E. C. D. Sr. João Lobo de Miranda Trigueiros que, em nome da A. E. P., fez a entrega da Medalha de Dedicação e Bons Serviços (Classe Ouro) com que este grupo foi distinguido pelos Serviços Centrais. Falou também o camarada António Vicente Campinas, Dtgm.º Chefe do Grupo n.º 60 de Vila Real de Santo António, e o Sr. Manuel Wenceslau Leiria, membro da Comissão de Patrocínio do «6». O Sr. Dr. Luís Bernardino da Silva fez no fim uma prelecção de incitamento escotista.

Compareceu na comemoração uma patrulha do Grupo n.º 77 de Faro, chefiada pelo camarada, guia de secção, João Gonçalves.

No dia seguinte, 4 de Fevereiro, pelas 20,30 horas com a presença da Comissão de Patrocínio, todo o efectivo do grupo, e os convidados, antigos escoteiros, António Máximo dos Santos, Dr. Alfredo Marcos Rita, os sócios auxiliares activos Srs. Manuel António Casaca, Raúl dos Santos Piloto, António Cândido Ferreira Portas e José Pinto Góis, realizou-se na sede do grupo um jantar de confraternização, que decorreu num ambiente de verdadeira familiaridade.

A Fraternal dos Antigos Escoteiros

Foi organizado, recentemente, o núcleo local da Fraternal dos Antigos Escoteiros, que tem a sua sede anexa a este Grupo. A sua Direcção ficou assim constituída:

PRESIDENTE — João Lobo Miranda Trigueiros.

1.º SECRETÁRIO — António Máximo dos Santos.

2.º SECRETÁRIO — Lourenço Baptista Mendonça.

Grupo n.º 60—Vila Real de Santo António

XXI ANIVERSÁRIO

Para comemoração do XXI aniversário a maioridade do nosso grupo, efectam-se grandes festejos escotistas na nossa vila. Além de um concurso inter-patrulhas, ao qual devem concorrer todas as patrulhas dos grupos em actividade na região, havendo 3 interessantes prémios para as três patrulhas melhor classificadas, e uma fita para a última classificada. Estamos ensaiando um espectáculo teatral com duas interessantes peças escotistas, bem como um pequeno orfeão a duas vozes com a colaboração da D. A. F. local. Haverá um acampamento de 8 dias e todas as noites fogo de conselho, palestras escotistas e culturais, será inaugurada a nossa «Biblioteca Popular» que já conta mais de mil volumes e a casa para a Biblioteca e para a D. A. F.

Farão o compromisso de honra mais 2 equipas da D. A. F. vilarrealense ficando assim completa a secção e apresentando as nossas camaradas uns interessantes números de ginástica, que está sendo dirigida pelo membro da Comissão de Honra e Patrocínio Sr. Joaquim António Correia Júnior.

Esperamos a comparência de todos os grupos algarvios nesta grande jornada de propaganda escotista.

ACTIVIDADES

Apesar de estarmos em pleno inverno, o nosso entusiasmo não arrefeceu, nem cessaram as nossas actividades escotistas. Assim, no dia 17 de Janeiro, bivacámos no Monte do Cabeço onde foram tiradas algumas provas de 2.ª classe, passando-se um dia muito agradável.

Também, no dia 18 de Fevereiro, bivacámos com as nossas camaradas da D. A. F. de Olhão e de Vila Real na lindíssima Mata da Conceição, que se encontrava toda florida. Fez-se o percurso de bicicleta e de camioneta fazendo-se depois do almoço um interessante exercício de orientação em conjuuto com os dois Grupos. Todos os domingos, as quatro patrulhas do 60 têm acampado na Mata para treinos de aperfeiçoamento com vista ao concurso inter-patrulhas que se realizará pelo aniversário.

LOBO DO GUADIANA

IMPRENSA

Ecos de Belém

Este nosso estimado colega enviou-nos saudações a propósito do nosso aniversário. Reconhecidamente retribuímos.

Jornal do Pescador

Tivemos o prazer de receber a visita deste excelente mensário, órgão das Casas dos Pescadores.

O «Jornal do Pescador» comemorou recentemente o seu 9.º aniversário. Por este motivo enviamos as nossas saudações, com os melhores votos de prosperidades.

El Explorador

Recebemos a visita desta interessante revista escotista, órgão da Federação dos Escoteiros da Nicarágua que teve a gentileza de se referir ao editorial «Vidas Perdidas» do nosso jornal de Agosto p. p. Agradecemos e saudando o seu Director, saudamos todos os nossos irmãos-escoteiros da Nicarágua.

Agenda do Escoteiro Por absoluta falta de espaço somos forçados a retirar do presente número a Agenda. Pedimos desculpa aos nossos leitores.

BADEN-POWELL

22-2-857 — *8-941*

Militar culto, valoroso e competente,
Cujas façanhas foram fruto de heroísmo.
Idealizando nova escola de civismo,
Abandonou sua carreira, livremente.

A juventude de carácter indolente,
Regenerá-la quis, criando o Escotismo,
Ideal que a muitos afastou do comodismo,
Encaminhando-os para o bem, conscientemente.

Coração nobre, patriota e pacifista,
Quis ser o paladino da Amizade,
Com valor dum genial pedagogista

Ele ensinou a praticar Fraternidade.
Legando ao mundo o lindo método Escotista,
Morreu pugnando pelo bem da Humanidade!

JACINTO DOS REIS MONIZ DA SILVA
Escoteiro de Angra do Heroísmo

O Escotismo na Capital

Grupo n.º 17 Assumiu a chefia deste grupo, em substituição do Sr. Jaime Ferreira Martins, o nosso amigo Sr. Carlos da Graça Branquinho. Provisòriamente toda a correspondência para o «17» deve ser dirigida para a residência do Chefe na Rua de Filipe Folque, 40, r/c.

Confraternização de Grupos Os Grupos n.ºs 2 e 94 reuniram-se no último domingo de Fevereiro na Serra de Monsanto, tendo realizado aí um treino de voleibol. Foi-nos agradável verificar o bom efectivo apresentado pelo Grupo 2 nessa actividade, prova de que está, de novo, em progresso.

Grupo n.º 85 Este grupo realizou no dia 17 uma visita cultural ao Museu de Artilharia e no dia 10 p. p. um bivaque no sítio da Sr.ª da Rocha.



O DESTERRADO

Por Manuel Ferreira

Aos Irmãos-Escoteiros do Porto

(Conclusão no número anterior)

Estavam agora, na igreja de S. Francisco, toda em talha dourada. Um salto à velha igreja de Cedofeita e a Leça do Bailio, cenário do casamento louco de um rei. Depois, seguiu-se uma visita ao Museu de Soares dos Reis

—Cá estamos diante dos mais preciosos pergaminhos da cidade Virgem,—tornou José Manuel. — Aqui é o relicário do Porto.

Américo, cuja opinião um tanto leviana àcerca da capital do norte se havia abalado profundamente, encontrava-se diante de curiosíssimas esculturas de Alves de Sousa, de quadrinhos de Pousão, pintor portuense, ceifado na primavera da vida. Uma das obras «Tempestade», subjugou o escoteiro de Lisboa ao ver figurada com com extrema verdade, em três palmos de tela, um sol nublado, as flores campestres agitadas pela ventania, uma árvore abatendo, fendida.

Agora, era Silva Porto, o mais prodigioso paisagista que surgia através as suas obras, transbordantes de luz. Mais adiante, admirava-se o tesouro da Sé do Porto.

—Veja, Américo e diga-me se Lisboa lá tem esta relíquia...

E, diante de uma vitrina, José Manuel baixou o joelho, com respeito. Américo, assombrado, imitou-o. Leu a legenda:

ESPADA DE D. AFONSO HENRIQUES.

—Como vê, Américo,—disse José Manuel, erguendo-se,—é no Porto que está a espada que talhou Portugal.

A visita continuava. Numa vitrina, via-se o cinturão, o óculo e o chapéu que o rei-soldado usou, ao ser cercado, e aqui e além, autógrafos e documentos curiosíssimos que permitiam reconstituir aquela fase acidentada da História que deu o título de invicta à cidade do Porto.

—E agora, Américo, abra-me esses olhos e veja uma das melhores obras de escultura portuguesa — o «Desterrado» — de António Soares dos Reis ..

Dominando a sala, a singular estátua define, no dizer de um dos seus biógrafos, o temperamento do mestre, a feição capital do seu talento. «Na fisionomia desse deus da desolação está bem impressa a funda tristeza doce e resignada, de quem não pode ou não procura lutar contra um destino adverso e fatal». De cabeça baixa, o cabelo tombando sobre a fronte, nu sobre uma fraga, os dedos das mãos cruzados indiferentemente nas faces impassíveis, o olhar velado, triste mas calmo, retratando a alma melancólica da raça, mostra o seu infortúnio, o silêncio do seu desespero. Sente-se só, batido pelo temporal da vida, mas bafejado pela resignação. Parece inspirar-se nos versos *Tristezas do Desterro*, de Herculano:

> Terra cara da Pátria, eu te hei saudado
> De entre as dores do exílio. Pelas ondas
> Do irrequieto mar mandei-te o choro
> Da saudade longínqua.....

Equilibrada e primorosa, a estátua ateste o grande talento e a tragédia do mestre. Perto, numa vitrina exibiam-se desenhos do estatuário, os utensílios com que criava beleza, a máscara serena e resignada do artista vencido, esfacelado, aos poucos, por uma existência agreste.

«A arte consola de muito, mas não consola de tudo»—dizia o mestre. E essas mãos que, tantas vezes, deixavam cair desalentadas a goiva, ali estavam modeladas, ante a admiração dos visitantes.

—Então, que tal? Que diz ao «Desterrado»?

—Não digo nada.—respondeu Américo. Nada se pode dizer. A admiração deita-nos abaixo, não nos deixa dar palavra...

III

Foz do Douro.

Os olhos de Américo e José Manuel estavam absorvidos no abraço coleante das vagas. As rochas esverdeadas pelos limos entravam pelo mar que se debatia, furioso, contra as arribas aceradas. Pela estrada marginal que se alonga até Leixões, chouteavam bois, puxando carros, ajoujados de redes de pesca. As cangas eram prodígios de arte popular, berrantes de cor, numa amálgama compacta de ramalhetes e cruzes. Boieiros, que são ao mesmo tempo marítimos, cantavam. Lá ao longe, no mar sem fim, o sol afagava, docemente, a areia, doirando torvelinhos de espuma.

Bibliografia:

Soares dos Reis e Teixeira Lopes.
António Arroio.

A. E. P.

Serviço de Material e Uniformes

LISTA DOS ARTIGOS À VENDA

Artigos de uniforme:	
Chapéus, com correia e franquelete	57$50
Flanela para camisas de escoteiro (mescla cinzenta 2 pelos) mt....	15$50
Idem em Caqui	18$00
Cotim preto para calções, metro..	17$50
Cintos de cabedal com fivela do modelo oficial, argolas e mosquetões	30$00
Fivelas para cintos, do modelo oficial.....	6$00
Cordões para apitos, brancos.....	2$50
» » » cor caqui ...	3$00
Apitos ingleses E m c a.....	12$50

(Continuaremos a publicação no próximo número)

A Patrulha Búfalo

Folhetim do «Sempre Pronto» Por R. K. E.

Na pista dos bandidos

Estava ele nestes preparativos quando os quatro homens saíram do café gesticulando e entraram apressadamente no automóvel, que logo se pôs em andamento. Fred mal teve tempo de se agarrar às traseiras do carro e de se esconder atrás da roda sobrecelente. Com o giz seguro na ponta da vara traçou no alcatroado do chão um enorme traço na direcção da trajectória do carro, traço que foi repetindo de espaço a espaço.

A velocidade do carro era enorme, pelo que depressa atingiu os arrabaldes da cidade e entrou em plena estrada. O giz tinha-se gasto, mas Fred não se apoquentou com isso. A estrada era de macadame, *de maneira que bastava vincar com ela o chão e a enorme pista continuou a ser traçada.*

Na casa misteriosa

De repente o auto estacou à porta duma vivenda de campo isolada em plena estrada. Fred desenhou logo o sinal de caminho a evitar. *O nosso herói escondeu-se ainda mais e o carro manobrou para entrar na pequena garagem da vivenda. Um sinal bem visível assinalava a direcção da garagem. Fred vivia momentos de intensa emoção. Se o descobrissem ?...*

Os passageiros do carro subiram logo por uma escada que da garagem comunicava com o interior. O motorista fechou cuidadosamente a porta da garagem, trancando-a e dando volta à fechadura.

Descia agora a escada um homem com tipo de criado.

—Então a rapariga ?—perguntou ao estranho motorista.

—Fartou-se de chorar, mas agora já está calada, não teve outro remédio.

Enquanto este diálogo se travava os dois personagens subiram também a escada. Não restava agora dúvida a Fred de que estava na verdadeira pista dos bandidos. Via-se já perante a formatura de todos os escoteiros, enquanto o Chefe de expressão sorridente, e lendo a ordem de serviço, dizia:—é louvado o escoteiro n.º 3 da patrulha Búfalo pelo seu espírito de iniciativa e observação revelados na descoberta...

Um barulho de vozes discutindo no andar superior chamou-o à realidade. Começava a sentir receio pela sua situação, sem compreender como sair da aventura. Saltou para o chão e dispôs-se a observar. Uma coisa ele verificava já: pela garagem a fuga era impossível. A maneira como a porta estava fechada tornava impossível abri-la sem fazer barulho.

Receando que o automóvel tornasse a sair, marcou-o, disfarçadamente, com o sinal de «inimigos». Fred sentia-se atrapalhado, porém... era escoteiro e um escoteiro tem iniciativa. Ia a assobiar como fazia nos momentos difíceis, mas logo se lembrou de que essa imprudência revelaria a sua presença e isso poder-lhe-ia custar caro.

Subiu a escada pé ante pé *e chegou a um patamar onde uma porta aberta comunicava para uma sala bem iluminada. Não espreitou porque seria leviandade. Sentou-se no degrau, puxou do respectivo bloco de apontamentos e dispôs-se a escutar e tomar nota de tudo quanto ouvisse. Os quatro homens discutiam acaloradamente.—Aceita-se — dizia um—mais vale receber os cem mil dólares do que perder tudo. Eu também acho—dizia outro. Mas os outros dois protestavam dizendo:—É um mau princípio, exigimos trezentos mil dólares não devemos aceitar menos.*

(Continua)



O Dia do «Sempre Pronto»

Camaradas Escoteiros:

Vamos ter um dia de estreita camaradagem, um dia em que os nossos corações rejubilarão de alegria pelo mútuo contacto que iremos ter. A ideia vai ser posta à vossa prova e, estou certo que a apoiareis incondicionalmente.

Trata-se especialmente de uma noite de festa em que comparticiparão todos os Escoteiros do Norte e, nessa festa, não faltará a alegria, a boa disposição, e sobretudo a ampla camaradagem dos «Sempre Prontos».

O Programa está a ser elaborado e, desde já os vossos conhecidos «Águia das Alturas» e «Jaguar Branco», esperam a concordância dos Chefes do Norte e estarão ao vosso dispor para receber sugestões e vos dizer o que será a Festa do Dia do «*Sempre Pronto*», em que todos os Escoteiros colaborarão.

NOTÍCIAS

Grupo n.º 4

Este Grupo que teve um período anormal, parece querer entrar em grandes actividades e, assim, no passado dia 3 de Março, teve um exercício em Valongo. Os elementos, cheios de boa vontade, acham-se empenhados também em magníficos trabalhos, pelo que esperamos dentro em breve o nosso querido 4, atinja aquelas proporções que tanto o distinguiram já.

Grupo n.º 15

No passado dia 24 de Fevereiro, bivacou na Senhora da Hora, tendo feito numerosos trabalhos de campo. O seu Chefe, Sr. Veludo Gouveia, superintendeu e acompanhou os trabalhos. Sabemos que o 15 está elaborando um vasto programa de actividades para este ano.

Grupo n.º 44

Sabemos que este Grupo também já deu início às suas actividades deste ano, tendo tomado parte na sinalagem do «Corta-Mato do Vilanovense F. C.» que abaixo relatamos. Sabemos também que se está preparando afincadamente para a presente época de actividades.

Grupo n.º 91

Este Grupo, para início das suas actividades, tem apenas feito *raids* com as suas patrulhas, devendo dentro em breve dar início ao seu programa deste ano, que inclui uma série de bons trabalhos escotistas. Todas as patrulhas estão empenhadas em dar-lhes o seu apoio, de forma a resultar num interessante trabalho.

Na sede deste Grupo, iniciou-se um torneio de *ping-pong* entre todos os Escoteiros, havendo duas categorias: Principiantes e iniciados, que têm mostrado bastante interesse.

● Num incêndio declarado numa importante tanoaria de Vila Nova de Gaia, tomou parte activa, auxiliando os serviços pos Bombeiros, o Escoteiro Guia Armando da Costa Soares, que prontamente ali compareceu uniformizado, oferecendo os seus serviços.

É nestas ocasiões que os Escoteiros mostram quanto os seus serviços são valiosos.

O Grupo 91 pensa ter dentro em breve duas patrulhas de socorros auxiliares, de forma a que prontamente possam prestar os seus serviços, sempre que casos de emergência se verifiquem.

Corta-Mato do Vilanovense

O Grupo 91, auxiliado pelo Grupo 44, e pelo 70 do C. N. E. sinalizou todo o percurso e coadjuvou os serviços de *Corta-Mato* organizado pelo Vilanovense F. C., tendo todos os Escoteiros desempenhado um esplêndido serviço que muito dignificou o escotismo em Gaia.

JAGUAR BRANCO

Consta:

Que ainda não há Chefe Regional?

Que embora alguns Grupos pensem em actividades de conjunto, há sempre alguém que não concorda?

Que, há um Escoteiro que pensava que o convidassem para Chefe Regional e, como tal não aconteceu, vai entregar «os papéis», dizendo que os Chefes do Norte são uns ingratos.

Que, se todos quiserem, o Dia do «*Sempre Pronto*», será um espectáculo como nunca se fez no Norte.

PENA D'ÁGUIA

Tarde aventurosa

2 de Dezembro: a manhã apresentou-se de semblante aborrecido e a chuva caía tão cadenciada que o *marcar* passo da patrulha «Leão» do Grupo 91, quase que a acompanhava no mesmo ritmo.

Na tarde desse dia devia inaugurar-se o campo de aviação do Porto, o campo das Pedras Rubras, e, no rosto de muitos escoteiros lia-se-lhes o desejo de ir ver como «era» para depois poderem dizer «eu vi» ou «eu assisti».

Assim foi... a tarde apresentou-se melhor, embora de tempos a tempos a chuvinha convidasse mais a ficar a ouvir a rádio do que ir ver os aviões. Mas, pelo sim, pelo não, o «Sol da Manhã» e o «Falcão Vermelho», dois escoteiros de *antes quebrar que torcer*, resolveram sem mais aquelas ir a Pedras Rubras, e lá foram, enquanto nós, com menos *fibra* esperávamos ansiosos que o outro dia chegasse, para sabermos o que eles viram.

De facto, no dia seguinte o «Sol da Manhã» juntamente com o «Falcão Vermelho» dispuzeram-se a contar-nos o que *viram*:

— ?!Ora diga-nos «Sol da Manhã», que tal o passeio?

—Ora... aquilo é que foi. Eu disse ao «Falcão Vermelho»:

Queres vir? E ele disse logo: *Sempre Pronto!*

Saímos da sede às 13,30 horas, chegámos às 14,15 horas à Praça da Liberdade. Ali, tomámos o carro eléctrico para a Circunvalação e, quando ali chegámos, como não soubéssemos o caminho, perguntámos a um Polícia de Viação, que nos disse que o campo ficava a cerca de 10 quilómetros. Claro, nós avançamos, mas quanto mais caminhávamos menos sabíamos do aeroporto, até que, finalmente, deparamos com um poste que dizia: Pedras Rubras a 8 quilómetros.

—! E vocês seguiram?... perguntei eu.

—Seguimos, sim senhor!... mas quando chegámos ao campo não sentíamos as pernas.

O Falcão Vermelho ainda queria voltar para trás, mas, para não dar parte de «fraco».

Por fim, vimos os aviões, o aeroporto, mas... o que nos custava mais era pensar no caminho que teríamos de percorrer!,

Sentamo-nos a descansar um pouco e, ao fim de hora e meia, pensámos em regressar *à base*. Mas sempre que olhávamos para o caminho, perdíamos as forças. Tinha de ser, porém, e, lá viemos de volta. De repente ouvimos o *tic-tac, tic-tac*, de uma carroça tirada por uma muar. Sentimos uma alma nova; coloquei-me no meio da estrada agitando os braços pedi encarecidamente ao carroceiro que nos desse uma boleia. O pobre homem compadecido, mandou-nos saltar e, nós mais mortos do que vivos, soltámos um profundo suspiro de alívio. Passados alguns minutos entrámos a conversar, mas, logo após, apareceu-nos também na estrada um aviador que nos fez companhia. Nós, curiosos como verdadeiros escoteiros, perguntamos tudo o que desejavamos sobre aviação, carreiras aéreas, e tudo o mais que nos apeteceu, enquanto ele, o aviador, perguntava-nos o que era o escotismo, o que significavam as «rodelas» que usávamos, porque era que eu tinha fitas brancas no bolso esquerdo da minha blusa e porque era que o «Falcão Vermelho» não tinha nada... enfim... puzemos tudo ao «sol» e por fim amàvelmente deu-nos rebuçados e, apeou-se saudando-nos. Passado algum tempo, o homem da carroça, mandou-nos descer e indicou-nos um caminho, mas os nossos *trabalhos* recomeçaram. O dia já há muito que havia desaparecido, e céu escuro, carregado de nuvens, não permitia que divisássemos o caminho que tínhamos de percorrer.

Andávamos havia já muito tempo e quando nos sentíamos desfalecer, deparou-se-nos um letreiro que dizia: Leixões a 6 quilómetros.

Quase que desmaiamos... seis quilómetros a vencer, para apanhar um carro que, para chegar ao Porto, demora quase uma hora! Era demais, mas... tinha de ser! Chegamos por fim a Leixões e quando nos sentimos no carro, rimo-nos com alegria daquela tarde aventurosa, tarde que jamais esqueceremos e ainda hoje lembro com satisfação que os nossos uniformes ficaram bem entre tantos uniformes que se viram no aeroporto das Pedras Rubras, embora ninguém soubesse do sacrifício que fizemos nós, dois humildes escoteiros, para que os nossos uniformes também estivessem presentes.

Muito bem, disse eu... mostrastes iniciativa e podeis ficar certos, «Sol da Manhã» e «Falcão Vermelho», que os leitores do «*Sempre Pronto*» apreciarão a vossa linda aventura, tão verdadeira ela é. Os meus parabéns,

JAGUAR BRANCO

Concurso de 1946

II

Temos um instrumento com o formato da relógio que serve para marcar distâncias conforme os passos dados. Que nome tem?.....
.....

As nuvens anunciadoras da chuva estão altas ou baixas?... e como se se chamam?.....
.....

Nome do concorrente.....

..... *Grupo*.....

Morada .....

..... *Data*.....

Recorte e remeta ao «*Sempre Pronto*».